

FMI pede redução de gastos militares e subsídios

O FMI quer que os países ricos e pobres gastem US\$ 240 bilhões anuais menos com subsídios e manutenção de seus efetivos militares e usem o dinheiro para educação, saúde e outros investimentos sociais. Esta foi a tônica dos discursos do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, e do presidente do Banco Mundial, Lewis Preston, na sessão de abertura da 46ª reunião anual do FMI-Bird (Banco Mundial), em Bangcoc. Pontualmente às 10 horas de Bangcoc (meia-noite no Brasil), 4 mil participantes da reunião assistiram sentados aos pronunciamentos de Camdessus, de Preston e do presidente das Juntas de Governadores, Pablo Bettor, do Equador.

O primeiro-ministro do país anfitrião, a Tailândia, Anand Panyarachun, foi o primeiro orador e em um discurso poético afirmou que “o processo de desenvolvimento não consiste só de números, dados, cifras e estatísticas. Deve ter um rosto humano. Temos que satisfazer as necessidades e aspirações das pessoas e criar um mundo mais leve e amável no qual nossos filhos possam viver, crescer e prosperar. Um mundo em que a água seja limpa, o ar puro e a beleza ilimitada.”

O pronunciamento de Panyarachun tem uma relação direta com seu próprio país, a Tailândia, onde os hóspedes recebem,

nos hotéis, a informação por escrito de que não devem beber água da torneira, não utilizada nem para enxaguar a boca e lavar as escovas de dentes, e levem em conta o elevado número de portadores de Aids, que poderá atingir 2 milhões de pessoas até o final do século.

Investimentos sociais

A tônica, porém, é idêntica à dos países industrializados. Superadas as grandes tensões, principalmente entre as potências, o dinheiro mal usado — seja em armamentos (que podem ajudar os países que os produzem, mas não os seus vizinhos), seja em subsídios, principalmente dos ricos para assegurar a produção ineficiente de alimentos — deve ser empregado em aumento da produtividade ou na infra-estrutura. Isto é, para reduzir o desemprego em regiões como a Europa Ocidental ou investir em energia elétrica, habitação, água e esgoto nos países em desenvolvimento ou francamente pobres.

“A diferença mais impressionante entre a situação atual e a que prevalece há dez anos é a moderação nas tensões entre as superpotências, que abre a possibilidade de reorientar volumosos recursos disponíveis nos países industrializados para o investimento e o desenvolvimento”, afirmou o presidente do Banco

Mundial, Lewis Preston.

Num pronunciamento enxuto, o ex-presidente do Morgan Bank, que substituiu Barber Conable, alertou para a competição “intensa” pelo capital, os bens e serviços nesta década, “que exercerá grande pressão sobre os países em desenvolvimento”. Por isso, “o desempenho econômico dependerá de forma decisiva das políticas que o governo adote e da qualidade dos serviços que presta”.

A advertência do Preston foi idêntica à de Camdessus. Ela parte do princípio do que a volta do crescimento econômico nos países desenvolvidos demandará mais poupanças para financiar os novos investimentos. Os grandes concorrentes, porém, serão o Leste Europeu, a começar da União Soviética, e a Ásia, face à mudança no comando econômico da Índia, que será visitada este mês por Camdessus. O FMI, explicou o diretor-gerente, dispõe de somente US\$ 50 bilhões em empréstimos concedidos e empréstimos e desembolsar.

E o Banco Mundial alega que grandes países da América Latina, como Brasil e o México, nem chegam a concluir todos os financiamentos propostos, e estão pagamento mais ao Bird do que recebendo em novos desembolsos. “Há falta de poupança a nível mundial”, repetiu Pablo Bettor, na abertura oficial da reunião.

Fábio Pahim Jr., de Bangcoc